

**O IRROMPER DA MORAL FEMININA E SUA EMANCIPAÇÃO: UM ESTUDO
SOBRE FRAME MORAL EM *AMOR* DE CLARICE LISPECTOR**

**THE FEMALE MORAL BREAK IN AND ITS EMANCIPATION: A STUDY ON
MORAL FRAME IN *LOVE* BY CLARICE LISPECTOR**

Eduardo Alves da Silva¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: Neste artigo promovemos uma análise do *frame* moral (LAKOFF, 1995, 1996, 2002) no conto *Amor* de Clarice Lispector publicado originalmente na década de 1960. O percurso subjetivo pelo qual a protagonista do conto percorre apresenta um dilema moral que se inicia com situação atual de estagnação e inércia provocados pelas rédeas de uma sociedade essencialmente heteropatriarcal até seu desfecho dissonante com o início da narrativa. Sua conclusão leva à transformação tanto ideológica quanto moral da personagem Ana, que norteia seus valores em resignificação até que seu *frame* moral tenha se adequado ao modelo do pai severo para o modelo do pai protetor (LAKOFF, 1996). Até a quebra de sua noção conformista e subjugada a uma sociedade machista, Ana progride seu *frame* até que obtenha uma postura totalmente alheia ao que inicialmente possuía. Incidentalmente a mudança de *frame* moral leva a metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 1980) na superestrutura do texto, as quais se tornam evidentes conforme a leitura avança. O estudo é guiado por uma perspectiva qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2005, SILVERMAN, 2000) e utiliza a técnica metodológica de forma indiciária (GINZBURG, 1989) tomando impressões das narrativas de Clarice Lispector.

Palavras-chave: *Frame* moral, modelo de pai, metáfora.

Abstract: In this paper, we promote an analysis of the moral frame (LAKOFF, 1995, 1996, 2002) in the short story *Amor* by Clarice Lispector originally published in the 1960s. The subjective path through which the protagonist of the tale travels presents a moral dilemma that begins with current situation of stagnation and inertia caused by the reins of an essentially heteropatriarchal society until its dissonant outcome with the beginning of the narrative. Its conclusion leads to the transformation, both ideological and moral, of the character Ana, who guides her values in resignification until her moral frame has adapted to the model of the severe father to the model of the nurturant father (LAKOFF, 1996). Until the breaking of her conformist notion and subjugated to a chauvinist society, Ana progresses her frame until she obtains a posture totally alien to what she initially had. Incidentally, the change in the moral frame leads to metaphors (LAKOFF; JOHNSON, 1980) in the superstructure of the text, which become evident as the reading progresses. The study is guided by a qualitative perspective (DENZIN; LINCOLN, 2005, SILVERMAN, 2000) and uses the methodological technique in an evidencial way (GINZBURG, 1989) taking impressions of Clarice Lispector's narratives.

Keywords: Moral frame, father model, metaphor.

Submetido em 31 de janeiro de 2021.

Aprovado em 25 de maio de 2021.

¹ Pesquisador da UFRN. Email: edugrunge@hotmail.com

Introdução

A conjuntura social brasileira atual parece cada vez mais se coadunar com mentalidades heteropatriarcais, o que exige o debate sobre emancipação feminina e igualdade de direitos. Questões morais sempre fizeram parte do escopo temático das literaturas mundiais e, no cânone brasileiro, não poderia ser diferente. Encontramos, seja na literatura ou em outras práticas discursivas, uma luta moral entre conservadorismo e progressismo, o antigo e o novo. Somos seres políticos e não podemos fugir às discussões morais.

Em *Amor*², de Clarice Lispector, vemos a personagem Ana em seu percurso de amadurecimento ideológico e moral conforme se vê envolta num contexto amplamente limitador e machista. Sua jornada cadente para a transformação e emancipação de seu *frame* moral vai desde sua estagnação no que Lakoff (1996) chama de modelo de pai severo e termina por se concretizar no modelo de pai protetor, que é essencialmente progressista e igualitário no que dá vazão aos sentimentos da personagem Ana.

Desta maneira, este artigo analisa o conto *Amor*, de Clarice Lispector, por entender que a compreensão dos processos de construção de sentido é importante, uma vez que, baseados nos discursos que consumimos é que nos afiliamos a ideias. Toda significação que construímos ou somos levados a construir passa pela linguagem, pela estrutura, pelas escolhas lexicais, para que determinada prática de linguagem aflore uma questão social e/ou moral.

Neste escopo, entendemos que a Linguística Cognitiva apresenta ferramentas completas para a investigação da construção do sentido inclusive na seara literária, além de um histórico de estudos e aplicações às mais variadas práticas de linguagem. Além disso, os construtos de conhecimento, aqueles que orientam nossas percepções, são, em grande parte, regulados por uma estruturada interação entre práticas sociais, culturais, esquemas cognitivos, linguagem e capacidade corporal (DUQUE; COSTA, 2012). Assim, conseguimos, através de uma abordagem acadêmica, investigar questões que são socialmente importantes, como a questão da moral. Para tanto, os postulados de Lakoff (1995, 2002) serão utilizados como âncora para a análise de *Amor*.

² Pela brevidade deste estudo, ao invés de transcrever o conto, sugerimos, antes de prosseguir neste artigo, a leitura integral do conto em http://www.releituras.com/clispector_amor.asp. acesso em 27 de setembro de 2020.

1. Frame Moral

Como mecanismos linguísticos e estruturas mentais, os *frames* (LAKOFF, 2004; DUQUE, 2015), são responsáveis pelos nossos pensamentos, ideias e visões de mundo. São estruturas esquemáticas de conhecimento compartilhadas socialmente e que orientam um entendimento sobre determinado conceito. Desta maneira, pode-se afirmar que pensamos através de *frames*. Portanto, para se compreender como se dá a construção de sentido, precisamos compreender o que são os *frames* e adotar uma metodologia que melhor possa enxergar as relações entre esses mesmos *frames* e o texto. Mas como enxergamos o acionamento de *frames* nas práticas discursivas?

Os *frames*, basicamente, são acionados por seleção lexical, ou seja, palavras de um mesmo campo semântico, combinadas, acionam *frames*. As palavras ‘mãe’, ‘filho’ e ‘pai’, por exemplo, acionam o *frame* FAMÍLIA. Assim, em primeiro lugar, para se compreender o acionamento de *frames*, é preciso observar os elementos lexicais do texto. No exemplo citado, apresentamos apenas palavras nominais, responsáveis pelo acionamento da dimensão conceptual básica do *frame* (DUQUE, 2017), no entanto, outros tipos de palavras acionam outras dimensões de *frame*.

Além dos elementos lexicais, é preciso atentar para as metáforas³ no acionamento dos *frames*, haja vista elas serem imprescindíveis, segundo Lakoff e Johnson (1980), para o nosso processo de pensamento, que é, em grande parte, metafórico. Portanto, *frames*, assim como as redes neurais, também são acionados através de metáforas. Por exemplo, no trecho “Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida” (LISPECTOR, 1998, p.8), ‘dar a mão’ é uma metáfora para postular a ideia de uma mulher altruísta, que se anula, se apaga (doa sua corrente de vida) aos outros. Adiante, no percurso da seção de análise, as questões morais serão trabalhadas de forma mais explícita.

Enfim, quanto ao *frame* moral, é importante dizer que eles correspondem à dimensão sociocultural do *frame*. Portanto, analisar a construção de sentido por meio da moral implica em enxergar as questões mais amplas trazidas à luz por uma prática discursiva. Como a intenção deste artigo é uma investigação acerca da moralidade em *Amor*, é preciso uma breve explanação sobre o *frame* moral.

A moral, para Lakoff (1995), está associada ao bem-estar. Segundo o linguista, bem-estar compreendido como riqueza. “Entendemos um aumento no bem-estar como

³ Na linguística cognitiva, metáfora conceptual, ou metáfora cognitiva, refere-se à compreensão de uma ideia, ou domínio conceptual, em termos de outro. Tal teoria foi concebida por George Lakoff em 1980 no livro *metaphors we live by*.

um ‘ganho’ e uma diminuição do bem-estar como uma ‘perda’ ou um ‘custo’⁴ (LAKOFF, 1995, p.1, tradução nossa). Se falamos em ganho e perdas, temos, evidentemente, metáforas, cujo domínio fonte será a contabilidade. Deste modo, para se construir o *frame* moral, precisamos atentar para uma balança imaginária que medirá o próprio bem-estar. Nossa balança financeira deverá sempre estar no positivo.

Lakoff (idem) separa dois grupos sociais: os Conservadores e os Progressistas. Ambos estes grupos precisam manter a sua conta no azul, o que, evidentemente, gera conflitos pois ideologias divergentes vão sempre atribuir valores diferentes ao próprio bem-estar. Se bem-estar para um grupo é acúmulo de riquezas, para o outro grupo bem-estar será distribuição de renda. Ademais, o *frame* moral se alicerça sobre o *frame* FAMÍLIA, de acordo com o postulador da teoria. Quando Conservadores, o modelo de família apresentado é a tal cujo pai é severo, centralizador; já a os Progressistas são representados pela família dos pais protetores.

Para ambos os modelos, no entanto, o sistema moral, de acordo com Lakoff (2002, adaptado por AUTOR, 2018), corresponde aos seguintes elementos:

Tabela 1- Metáfora da contabilidade moral

Reciprocidade	Se algo positivo é feito, há reciprocidade positiva. Desse modo, a dívida é paga. Ação moral é dar algo positivo; ação imoral é dar algo negativo. O não pagamento de dívidas morais é imoral
Retribuição	Se uma ação negativa é feita, a ação negativa é retribuída. Subtrair ganho do outro que lhe causou perda é uma forma de equilibrar a balança. Se uma ação negativa é feita e não há retribuição dessa ação negativa, há a Bondade Absoluta.
Vingança	Se algo positivo é retirado, retira-se algo positivo do outro. Diferentemente da Retribuição, não é outra ação negativa que é feita, mas algo positivo que é tirado.
Restituição	Compensação. Se algo de negativo foi feito, algo de positivo foi retirado. Assim, dá-se algo positivo para que a ação negativa seja compensada.
Altruísmo	Não há dívidas quando se realiza uma ação positiva. Não se espera nada em troca.
Dando a outra face	Se há algo positivo retirado ou uma ação negativa sofrida, dá-se algo positivo.
Karma	Se algo bom é feito, algo bom retorna naturalmente, como uma lei do universo. Você receberá o que você merece ¹² .
Recompensa e Punição	Para se manter a autoridade, dá-se uma punição a uma ação negativa ou dá-se uma recompensa a uma ação positiva. Um soldado que não cumpre uma ordem superior, no exército, é punido.

⁴ We understand an increase in well-being as a "gain" and a decrease of well-being as a "loss" or a "cost".

Trabalho	<p>Trabalho como recompensa: o patrão tem autoridade sobre o empregado. O empregado é moral se ele obedece às ordens do patrão. O patrão faz um favor ao trabalhador ao empregá-lo.</p> <p>Trabalho como troca: o trabalhador troca seu trabalho por dinheiro. O emprego é uma troca voluntária entre o trabalho do trabalhador e o dinheiro do patrão. Um depende do outro.</p>
----------	--

Fonte: elaborado pelos autores

Ambos os modelos utilizarão das mesmas bases, mas estes modelos metafóricos terão pesos diferentes a depender do lugar no contínuo entre Conservadores e Progressistas que o discurso se encontra.

2. Modelo de Pai Severo e Modelo de Pai Protetor

De acordo com Lakoff (1996), boa parte da moral para os conservadores, representados pelo modelo do pai severo, corresponde à força interior. Desta maneira, cabe ao pai ou ao próprio indivíduo zelar contra os males externos. Pensamentos como “Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a [...] (LISPECTOR, 1998, p.8)” são comuns neste cenário, uma vez que o mundo externo se constitui em algo não desejado.

Se tomarmos o mesmo exemplo, a afirmativa seria inexistente no discurso de um indivíduo progressista, haja vista que ele entende a sua família de forma mais ampla, e a ideia de tolerância e unidade com as pessoas do mundo fazem parte de um modelo de pai protetor.

Os conservadores se enxergam como o bem e as ameaças externas como o mal. Costumam pautar suas ideias nesta dicotomia, sem considerar, em geral, a pluralidade, a heterogeneidade das pessoas e das próprias relações. Desta maneira, para o modelo da família do pai severo, tudo que é externo é uma ameaça e resistir às ameaças é positivo, demonstra força moral, autoridade moral ou ordem moral, que, grosso modo, reforçam de defendem a tradição patriarcal.

Já os Progressistas, dentro do modelo de pai protetor, por sua vez, entendem que a família não se resume ao próprio lar. Ao invés de preconizar força moral, por exemplo, priorizam a moral como nutrição. No exemplo acima do mundo exterior alheio a Ana, um discurso progressista defenderia o direito de ela viver conforme desejar, socializando e se relacionando aos outros, até mesmo como parte de sua família, uma vez que o que vigora dentro desse modelo é a tolerância e o amor. Ana descobre, por um instante, que o mundo externo também se coaduna com uma espécie de ‘felicidade insuportável’:

Encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. (LISPECTOR, 1998, p.9)

Portanto, compaixão, moralidade como proteção social e moralidade como felicidade são *frames* inerentes ao modelo dos pais protetores. Ana, nesse momento, vacila entre sua estagnação dentro de um modelo heteropatriarcal e sua iminente mudança ao tentar se inserir num modelo protetivo, amoroso e tolerante que estava prestes a irromper dentro de si.

3. Metodologia em perspectiva qualitativa e indiciária

Antes de iniciarmos a análise, exporemos ao leitor nosso enfoque sobre o tratamento do corpus. Nossa análise é essencialmente qualitativa focada nas impressões subjetivas do analista no sentido de enxergar o fenômeno da construção de sentido em *Amor* de Clarice Lispector sobre a ótica das ferramentas analíticas, conceitos operacionais e teorias que orbitam o *frame* moral, os modelos de pai severo/pai protetor e as metáforas conceptuais numa perspectiva cognitivo-funcional.

Para tanto, escolhemos uma abordagem observacional e analítica proposta por Denzin e Lincoln (2005) focando nas interpretações dos analistas. Ainda, aplicamos a ótica de Silverman (2000), na qual o método qualitativo pode sustentar maior aprofundamento sobre o entendimento de um fenômeno, neste caso, a análise do *frame* moral. E, finalmente, para montarmos nossa interpretação sobre a mudança de paradigma moral apresentada na obra de Clarice Lispector, utilizamos as impressões epistemológicas do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) segundo o qual a interpretação ontológica do mundo deve levar em conta todas as pistas e indícios presentes no fenômeno para a interpretação do analista.

4. Análise: A moral em *Amor* de Clarice Lispector

O conto *Amor* de Clarice Lispector traz a história da personagem Ana em seu percurso pela libertação e emancipação moral numa atmosfera predominantemente limitadora e privativa. Ana possui uma constituição moral totalmente definida em função do bem estar de sua família e marido. Sua função é servir bem e cuidar dos assuntos do lar sem ter que dar margem ao mundo exterior, universo sob qual ela vive retraída. Conforme a narrativa avança, Ana busca tomar alguns gostos pela libertação permitindo-se prazeres e experiências subjetivas que ela não estava acostumada quando vivia sob um

modelo heteropatriarcal. Aos poucos Ana se liberta das amarras do seu contexto limitador e se emancipa tanto em relação ao seu bem estar psicológico quanto ao seu bem estar moral. O divisor de águas, conforme veremos nesta análise, se dá quando Ana encontra uma personagem cega que a faz ver a vida e o mundo de outra forma, redefinindo assim sua maneira ontológica de encarar a realidade, libertando-se, enfim, de uma vida enfadonha e inexpressiva. Inicialmente com a leitura encaramos um paradigma conservador e severo e, conforme o texto avança, observamos uma ressignificação do seu modelo de pai direcionando-se a uma perspectiva mais libertadora. É o cego que, aos seus olhos, despedaça seus moldes aprisionadores e a permite caminhar rumo à emancipação moral e felicidade de uma vida doce.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite — tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca. (LISPECTOR, 1998, p.11)

Ana é uma mulher que vive e morre por sua família e vida conjugal. Sua dedicação hercúlea para manter tudo em ordem é o que a motiva a permanecer viva. A constituição de sua persona se alimenta de valores tradicionais, paternalistas e, de certo modo, limitados por um mundo ao seu redor que preocupa-se na alocação da mulher como sustentáculo da servidão ao homem e à família. A personagem Ana a todo momento procura buscar a perfeição da estrutura de sua família e de como ela como esposa deve ser incólume perante à sociedade.

Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome[...] (LISPECTOR, 1998, p.8)

Em vários momentos metáforas estão presentes para denotar essa moralidade de modelo estrito. Entre as quais, recuperamos algumas a seguir.

Bloco 1. Caracterizações de metáforas

“Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas.”

VIDA É LAVOURA

Ana dá tudo de si e trabalha até a exaustão para sua família e apenas para ela.

“Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.”

VIDA É CORRENTE VITAL

Ana se sacrifica exaurindo sua vida para que as coisas funcionassem nela e na sua casa. Ela é altruísta e não pensa nela própria, apenas em sua família.

“A casa estava vazia sem precisar mais dela”

CASA É PESSOA QUE PRECISA DE ATENÇÃO

A vida de Ana só fazia sentido dentro desse paradigma moral severo: sua vida era cuidar da casa e família e nada mais.

Também, a mulher deveria ser severa e rígida, assim como o pai severo:

“No entanto sentia-se mais sólida do que nunca”

MULHER É ESTRUTURA RÍGIDA

“De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres”.

MÃE É ANJO

Ana era a mãe da família do pai severo, nunca poderia ser ela mesma com suas subjetividades e predileções introspectivas.

“Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa”.

BONDADE É MACHUCADO

No modelo moral no qual Ana vive a bondade é vista como fraqueza ou algo ruim para o pai severo.

“Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido.”

TERNURA É FOGO

A ternura – avesso ao modelo de moralidade vivido por Ana – a queima e a machuca devendo ser, portanto, abafado.

Fonte: elaborado pelos autores

Dessa forma, Ana tenta se adequar a um modelo de pai severo (*strict father*). Nessa tentativa de adequação, vemos claramente a personagem estruturando o que Lakoff (1995) chama de Sistemas Morais (*Moral Accounting Schemes*). São eles **reciprocidade, retribuição, restituição, vingança, altruísmo e dar a outra face** (grifo nosso). Vemos

a todo momento durante o texto Ana fazer uso desses sistemas morais para se adequar a esse padrão de pai severo que seu contexto cotidiano demanda. Ela se dá à família sem pedir nada em troca, prepara o jantar do marido, costura a roupa dos filhos, sai para o mercado exclusivamente para cuidar dos assuntos do lar na tentativa de fazer o ambiente estar perfeito para o pai severo quando ele estiver em casa. Ela abre mão de sua felicidade, tenta ser gentil e prestativa sempre que possível para que sua vida se sintonize com a moralidade a qual é obrigada a viver. Segundo Lakoff, a ação moral possui dois princípios, um primeiro no qual se admite que moral é dar algo positivo e imoral é dar algo de valor negativo. O segundo princípio é suposição que há uma certa obrigação moral de pagar de volta os débitos morais de uma pessoa.

O primeiro princípio: ação moral é dar algo de valor positivo; ação imoral é dar algo de valor negativo. O segundo princípio: há um imperativo moral para pagar nossas dívidas morais; o não pagamento de dívidas morais é imoral (LAKOFF, 1995, p.2, tradução nossa)⁵

O que vemos é que Ana aplica os dois princípios na sua composição de moral. Sua incoerência não é absoluta porque ela varia seu modo de enxergar o mundo depois do encontro com um cego, que muda sua vida. A todo tempo, Ana procura entregar ações morais adequadas à sua família e somente depois de seu encontro com uma personagem cega é que ela começa a pecar em sua ótica de reparar as ações morais que a vida lhe apresenta. Isso se dá porque ela começava a sentir asco da miríade de beleza e vida pulsante que o mundo lhe apresentava como proposta ao modelo estrito no qual ela vivia. Depois que Ana encontra o cego, ocorre uma mudança de paradigma de modelo de moralidade em sua vida e ela passa a adotar o modelo do pai protetor (*nurturant father*).

Ainda sobre a construção dessa moralidade, vemos a frase: “Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta’. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos.” (LISPECTOR, 1998, p.8). Do que se desprende desse enunciado, Ana não revidava a índole de seus filhos mimados, ela era altruísta. O papel da mulher não era o da coparticipação na vida marital, mas apenas servir ao casamento. A juventude da mulher não deveria ser considerada, não era necessária. Tudo que importava era a família de um modelo severo: “O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida.” (LISPECTOR, 1998, p.8)

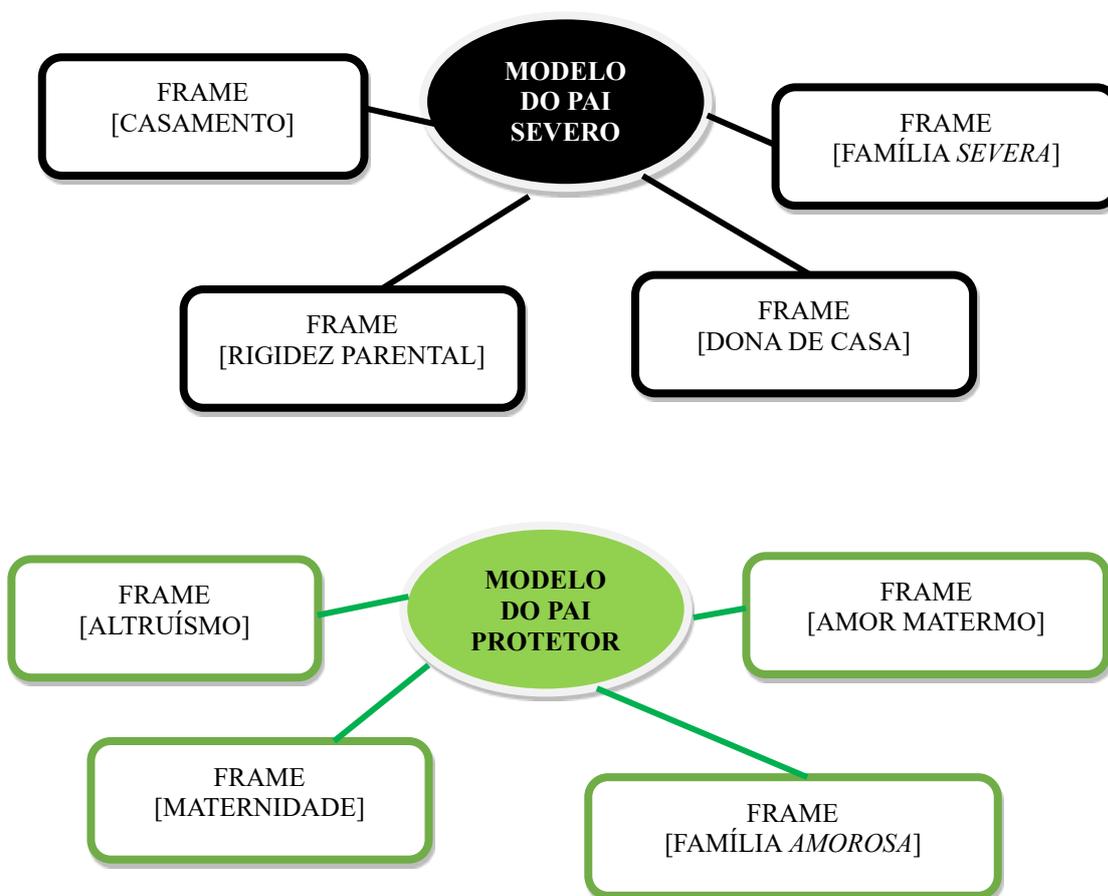
⁵ The first principle: Moral action is giving something of positive value; immoral action is giving something of negative value. The second principle: There is a moral imperative to pay one’s moral debts; the failure to pay one’s moral debts is immoral (LAKOFF, 1995, p.2)

Ana era uma figura sem vida e triste. Ela não sabia exatamente o significado de sua vida pois, nesse modelo moral, não há espaço para compaixão, felicidade e frivolidade: “Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a” (LISPECTOR, 1998, p.8).

4.1 Frames evocados discursivamente

Enquadramentos específicos acabam por se tornarem evidentes quando o discurso se materializa em *Amor* de Clarice Lispector. Os *frames* evocados discursivamente surgidos da leitura do conto apontam para a formação do modelo de pai severo sob o qual Ana tem que viver. A partir do seu encontro com um personagem cego dentro do bonde ela passa a recuperar *frames* do modelo do pai protetor na sua forma de conceptualizar o mundo. Não apenas os *frames* mudam nesse sentido, mas os valores a ele associados também, pois, a maneira com a qual Ana enxerga o mundo também havia mudado. Os exemplos abaixo (figura 1) remontam visualmente como Ana evocava esses *frames* no percurso da sua história.

Figura 1 – *Frames* evocados por Ana de acordo com dois modelos de moralidade.



Fonte: Elaborado pelos autores

A mudança de *frames* é algo natural no processo de conceptualização e formação de sentido conforme AUTOR e Duque (2019) apontam. Nesse caso, segundo os autores, ocorre o chamado *reframing*, que é a manobra cognitiva usada quando o enquadramento sobre determinado conceito se altera conforme a situação discursiva assim a exige.

4.2 Metáforas relacionadas ao bem-estar e moralidade

Muitas são as metáforas relacionadas a bem-estar e moralidade no conto *Amor* de Clarice Lispector. De uma maneira discursiva, como já mencionado, essas metáforas podem ser divididas em dois momentos no texto: antes e depois de seu encontro com a personagem cega.

Tabela 2 – Metáforas de bem-estar em *Amor* de Clarice Lispector

EVENTO	MODELO DE MORALIDADE	ALGUNS EXEMPLOS DE METAFORAS DE BEM ESTAR E MORALIDADE
ANTES DA PERSONAGEM CEGA	PAI SEVERO	BEM ESTAR É SER AVESSA À JUVENTUDE “Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida.”
ANTES DA PERSONAGEM CEGA	PAI SEVERO	BEM ESTAR É APENAS CUIDAR DA CASA “...Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela.”
ANTES DA PERSONAGEM CEGA	PAI SEVERO	BEM ESTAR É SER ESPOSA IMPECÁVEL “Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.”
ANTES DA PERSONAGEM CEGA	PAI SEVERO	BEM ESTAR É SER IMPIEDOSA “A piedade a sufocava...”
EVENTO	MODELO DE MORALIDADE	ALGUNS EXEMPLOS DE METAFORAS DE BEM ESTAR
DEPOIS DA PERSONAGEM CEGA	PAI PROTETOR	BEM ESTAR É VER A BELEZA DO MUNDO “sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas”
DEPOIS DA PERSONAGEM CEGA	PAI PROTETOR	BEM ESTAR É SER MÃE E MULHER AMOROSA “Abraçou o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal[...] [...] agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo”
DEPOIS DA PERSONAGEM CEGA	PAI PROTETOR	BEM ESTAR É SENTIR A VIDA “a vida que descobrira continuava a pulsar...”
DEPOIS DA PERSONAGEM CEGA	PAI PROTETOR	BEM ESTAR É SENTIR TERNURA “...seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto”

Fonte: elaborado pelos autores

4.3 Repensando o *frame* moral num outro modelo paterno

Se a história do conto *Amor* de Clarice Lispector tivesse um outro panorama moral como a predominância do modelo de pai protetor, por exemplo, sua dinâmica seria

totalmente diferente. Primeiramente, Ana faria parte de um lar permeado dos valores progressistas os quais Lakoff (1995) admite existirem e que são, de acordo com a análise, completamente avessos à vida que a personagem vive no conto. Sob o modelo de pai protetor, Ana não seria uma esposa sem alma ou vida a cuidar roboticamente de seu lar ignorando sua juventude ou seus anseios subjetivos. Suas vontades não se resumiram às exigências domésticas de uma casa e na ignorância da vida exterior.

Sob o modelo de pai protetor, Ana teria mais empatia pelos outros personagens que invariavelmente teriam mais protagonismo no conto. O garoto que ri no bonde, as pessoas ao redor, as plantas que ela encontra no jardim botânico a até mesmo o gato que ela vê estariam mais carregados de vida e subjetividade. Em outras palavras, Ana teria uma mentalidade mais progressista/liberal e menos conservadora/reacionária.

Apesar da guinada moral que Ana apresenta no meio do conto, a visão predominante é a do pai severo. Apenas depois de seu encontro com o cego é que parece que seu pensamento começa se coadunar num modelo de pai mais liberal. No entanto, quando ela começa a questionar seu enquadramento moral, o conto acaba sem sabermos se ela mudaria efetivamente seu modo de olhar o mundo sob uma ótica de um sistema moral diferente.

Conclusão

A partir do que foi discutido, foi possível observar que a leitura do conto *Amor* por Clarice Lispector traz uma possibilidade de interpretação do que Lakoff (1996) chama de *Frame* Moral ao ver a jornada da protagonista Ana ao tentar livrar-se das amarras de uma sociedade restritiva e machista. O percurso ético e moral da personagem na obra de Clarice Lispector nos dá pistas de que o *frame* moral da personagem Ana, que era anteriormente guiado pelo modelo de pai severo acaba se remodelando conforme o discurso avança e finda por se tornar tão diverso que admite uma visão essencialmente guiada pelo modelo de pai protetor.

É notório que no percurso da análise o leitor acaba por compreender a perspectiva das metáforas conceptuais (LAKOFF; JOHNSON, 1980) tão presentes na superestrutura textual. A compreensão inequívoca de uma emancipação feminina através de sua ética e moral só é de possível percepção pois observamos metáforas conceptuais presentes no texto. São elas que, segundo o próprio Lakoff menciona, são responsáveis pela orientação da formação de sentido. Do conto de Clarice Lispector podemos ver uma jornada da protagonista no esforço de se libertar de amarras impostas por uma sociedade que deseja

colocar a mulher no lugar de dona de casa sem muito mais perspectivas sobre suas próprias vontades ou sonhos. O que torna possível essa interpretação conforme pretendemos demonstrar é mudança de paradigma moral no tocante a seu modelo de pai e pela presença das metáforas conceptuais.

Os *frames* socioculturais são responsáveis pela construção de sentido mais ampla nas práticas discursivas, logo, são os sentidos mais subjetivos. Olhar uma narrativa, seja literária ou não, com os óculos da Linguística Cognitiva com o grau do *frame* moral, permite ao analista perceber um contínuo entre o pensamento e a prática conservadora e progressista. E, atualmente, nunca foi tão importante sabermos sobre os discursos que nos rodeiam.

Referências

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *The Sage Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

DUQUE, P.H.; AUTOR. A manipulação informativa e seu modus operandi no enquadramento ideológico nas redes sociais. *Caderno de letras da UFF*. Rio de Janeiro, v.30, n.59, p.235-248, segundo número, 2019.

DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. *Linguística cognitiva: em busca de uma arquitetura da linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em *frames*. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v.1, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015.

_____. De perceptos a frames: cognição ecológica e linguagem. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 21, n.41, p. 21-45. 2017

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In C. Ginzburg. *Mitos, Emblemas e Sinais*. Tradução: Federico Carotti São Paulo. Companhia das Letras. 1989.

LAKOFF, G. Metaphor, Morality, and Politics, Or, Why Conservatives Have Left Liberals In the Dust. *Social Research*, vol. 62, n. 2, p. 177–213, 1995. Disponível em: www.jstor.org/stable/40971091. Acesso em 27 de setembro de 2020

_____. *Moral Politics: What Conservatives Know That Liberals Don't*. Chicago: University of Chicago Press, 1996. Print.

_____. *Moral Politcs*. How liberals and conservative think. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

_____. *Don't Think of an Elephant! Know Your Values and Frame the Debate: the Essential Guide for Progressives*. White River Junction: Chelsea Green Pub. Co.,

2004

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LISPECTOR, C. *Amor*. Recurso digital. Disponível em: http://www.releituras.com/clispector_amor.asp acesso em 27 de setembro de 2020.

_____. *Laços De Família: Contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

AUTOR. *Moral e política em (dis)curso: análise baseada em frames de discursos de posse dos presidentes do Brasil dos últimos 20 anos*. 2018, 142f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2019.

SILVERMAN, D. *Doing qualitative research: a practical handbook*. London: Sage Publications, 2000.

Obras consultadas e não referenciadas

CASELL, C.; GILLIAN, S. *Qualitative Methods in Organizational Research: A Practical Guide*. London: Sage, 1994.

CORBIN, J.; STRAUSS, A. *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory*. Los Angeles: SAGE Publications, 2015. Print.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010